

ENTREVISTA

CAPITÃO LAMPIÃO E A DAMA MARIA BONITA: HISTÓRIAS DO CANGAÇO NARRADAS POR MANOEL NETO

*CAPTAIN LAMPIÃO AND THE LADY MARIA BONITA: STORIES OF CANGAÇO
NARRATED BY MANOEL NETO*

**Jairo Carvalho do Nascimento¹
Joice Silva Pereira²
Thaís Gardênia de Oliveira Azevedo³**

Manoel Antônio dos Santos Neto nasceu na cidade de Irará, em 19 de fevereiro de 1954. Situada no sertão baiano, na região metropolitana de Feira de Santana, o nome do município, de origem indígena, significa “nascido da luz do dia ou do sol”. É historiador, escritor, poeta e documentarista⁴.

Na pesquisa sobre Canudos, escreveu diversos artigos e dois livros: *Cartilha histórica de Canudos* (UNEB/Prefeitura Municipal de Canudos, 1991), em coautoria com José Carlos Pinheiro e Renato Ferraz; e *Os intelectuais de Canudos: o discurso contemporâneo*, em coautoria com Roberto Dantas (UNEB, 2001). No campo cinematográfico, dirigiu dois documentários em coautoria com Lucas Viana, abordando Lampião e a participação feminina no cangaço: *Feminino Cangaço* (2013) e *Assim era Dadá, a vida pós cangaço de Sérgia da Silva Chagas* (2019). Ambos estão disponíveis no canal do CEEC, no YouTube: *Feminino Cangaço*, com 1.216.688 visualizações (em

¹ Professor Adjunto do curso de História, do Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus VI), Caetité. Doutor em História Social pela UFBA (2015). E-mail: jairocine.uneb@gmail.com

² Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus VI). E-mail: Joice.siilva.jsp@gmail.com

³ Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/Campus VI). E-mail: thaisgardenia36@gmail.com

⁴ A entrevista foi gravada via *Google Meet*, no dia 23 de outubro de 2021. 75 minutos de duração. Realizada por Joice Silva Pereira e Thaís Gardênia de Oliveira Azevedo, e supervisionada pelo Prof. Dr. Jairo Carvalho do Nascimento. Originalmente realizada para fins de pesquisa de TCC de Joice Pereira e Thaís Gardênia, *Análise da perspectiva cinematográfica da mulher no cangaço: o documentário "feminino cangaço"*, defendida em 21 de julho de 2022, sob a orientação de Jairo Carvalho do Nascimento. Foi transcrita por Joice Pereira e Thaís Gardênia, revisada por Jairo Carvalho e autorizada por Manoel Neto antes de sua publicação. Em função da extensão do documento transcrito, publicamos apenas uma parte da entrevista.

01/12/2022); e *Assim era Dadá: a vida pós cangaço de Sérgio da Silva Chagas*, com 840.843 visualizações (em 01/12/2022).

Manoel Neto é membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e da Academia Brasileira de Letras, Artes e Cangaço (ABLAC). Na ABLAC, foi empossado no dia 22 de setembro de 2022, na cadeira 34, que tem como patrono intelectual Raimundo Girão, escritor cearense. É coordenador do Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC). O CEEC foi fundado em 1986, por professores intelectuais e pesquisadores, dentre eles Edvaldo Boaventura, Edelzuito Soares, Renato Ferraz, Ieda Castro e Yara Ataíde. Contou com a colaboração de José Calasans. No âmbito do CEEC/UNEB, Manoel Neto é o editor chefe da *Revista Canudos*, periódico vinculado ao Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC (UNEB), que publica temas sobre Canudos, Antônio Conselheiro, secas, Nordeste, movimentos sociais do campo e cangaço. Entre 1996 e 2014, a revista era impressa e publicou 9 números. A partir de 2020, assumiu o formato digital.

Cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras, Artes e Cangaço (ABLAC)



Da esquerda para direita: Isadora (filha), Manoel Neto, Isabel (esposa), Adriana Marmorini (Reitora da UNEB), José Raimundo (jornalista e amigo) e Lucas (filho). Local e data: Salvador, 22 de setembro de 2022.

Publicou, recentemente, o livro *Três ensaios sobre o cangaço* (2022), pela editora Casa Editorial (Curitiba-PR). Pesquisa extraordinária sobre o cangaço, que aborda diversos temas sobre o assunto, alinha farta documentação com grande

qualidade narrativa. Nesta entrevista, fala particularmente do tema cangaço e do documentário *Feminino cangaço*.

Inicialmente, fale um pouco sobre você, e como o tema cangaço entrou em sua vida?

Eu devo dizer a vocês, Joice Pereira e Thaís Gardênia, que estou muito honrado em estar falando com vocês. E digo isso sem nenhum fingimento demagógico, falo do fundo do coração. Acho que, quando a gente conversa com jovens, e conversar com jovens sobre a história de nossa região, sobre o sertão tão maltrato, tão esquecido, tão vilipendiado, que é ainda hoje, a gente fica satisfeito, contente. Olha, de saída, sou uma pessoa muito simples. Um homem que aprendi que a simplicidade é mais sofisticada do que a intenção de ser sofisticado. Morei parte da minha vida, em Irará, interior da Bahia, porta de entrada do sertão. Mas vivi pouco em Irará e vim morar no litoral. Mas a minha infância no litoral, mesmo em Salvador, foi muito povoada por histórias de minha mãe relativa ao cangaço. Meu avô materno, Áureo Viana, era fiscal de renda do Estado e viajava o interior acompanhado sempre de um soldado, Justino. E minha mãe contava histórias extraordinárias com uma frequência e, para vocês terem ideia, minha mãe morreu aos 88 anos com medo de Lampião, ainda tinha medo de Lampião, ficava tonta quando se falava em Lampião. Então, esse soldado Justino e meu avô viajavam para o interior na região onde Lampião circulava na Bahia e andou falando coisas, dizendo que ia pegar Lampião, que Lampião era ladrão, bandido... E chegou aos ouvidos de Lampião. Lampião tinha uma rede de informação poderosa. E Lampião disse: "no dia em que eu encontrar esse tal de Áureo Viana, coletor do Estado, eu vou matá-lo". Isso era nítido e certo. E meu avô acampou em determinado lugar, colocou uma barraca que ele usava muitas vezes e saiu para trabalhar, e deixou Justino tomando conta desse acampamento. Lampião chegou e indagou: "É aqui que está um tal de Áureo Viana?" Justino, coitado, diante da fera, fica sem nenhuma reação, e Lampião sangra-o, mata-o. E isso provocou em meu avô uma ira. Meu avô morreu em 1936, muito jovem, antes de Lampião [1938]. Mas a história ficou e chegou até mim. Nos meus estudos, ainda na educação básica, falava-se muito pouco do cangaço, da história do Nordeste, da história da Bahia, da nossa história regional.... Ouvia coisas, assim, diretamente desinteressantes sobre o Brasil. Não ouvia que era fundamental para nós, nordestinos, conhecer a sua própria história. E isso passou pelo Ensino Médio e chegou a universidade, e eu continuei alheio...

O meu interesse pelo cangaço vai surgir na década de 1980. Iniciei minhas pesquisas voltadas para Canudos, quando eu ingressei na UNEB para trabalhar, no Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC/UNEB), centro criado para estudar o semiárido baiano, sua história, sua religiosidade, sua manifestação cultural, ou seja, o sertão como esse universo extraordinário que a gente conhece, esse sertão de Caetité ou o sertão de Canudos, sertão é sertão, como diz o outro, sertão está dentro de nós e a gente carrega ele com a gente. Então, passando a estudar Canudos, sempre chegava

também a Lampião. Toda vez que eu corria atrás de Antônio Conselheiro, dos beatos, dos jagunços de Antônio Conselheiro, Lampião estava lá.... Cheguei a ter uma discussão bem interessante com José Calazans, quando eu comecei a questionar esse negócio de jagunço, expressão usada por ele. Jagunço era outra coisa, era um assalariado do crime. O pessoal que estava em Canudos não era jagunço, eram camponeses rebelados. Nada de jagunço. Antes de conselheiristas, eram trabalhadores rurais despossuídos de tudo, despossuídos de terra, de forma de sobrevivência digna etc. José Calazans começou a me "gozar" e, uma vez, numa palestra proferida por ele na UNEB, eu estava sentado e ele disse assim: "os jagunços, me perdoe Manoel Neto, não querem que eu os chame de jagunço, agora é conselheirista". Obviamente me gozando. Achei aquilo interessante, mas continuei insistindo nisso, que eram camponeses rebelados...

Segui nos estudos e toda vez que eu procurava pistas sobre Canudos, seja nas fontes primárias, fontes orais, fosse no trabalho de campo, como pesquisador que trabalhava basicamente com a oralidade, para reconstruir e repensar o episódio de Canudos, eu encontrava nas marcas das alpercatas dos Conselheiro, o Lampião... Aqui e ali, uma pessoa que eu recolhia um depoimento dizia que Lampião havia passado na região, que teve contato com ele, que o tratou bem, ou que o tratou mal, que foi muito honesto e pagou o que comeu, etc. Lampião, nos mesmos caminhos ou nos caminhos próximos e semelhantes aos de Antônio conselheiro, porque beato, cangaceiro e penitente são personagens constantes no sertão e fazem parte dessa sociologia, dessa antropologia, dessa história sertaneja.

Continuei estudando Canudos, produzindo sobre Canudos, tema ainda que me é bastante caro, é um tema que faz parte da minha vida. Posso dizer que Canudos me mudou como cidadão, e mudou também meu foco de estudo como historiador, me trouxe conhecimento não só para Canudos, mas para manifestações culturais, políticas, históricas, sociológicas do sertanejo. Na medida em que fui avançando, fui sentindo, cada vez mais, a necessidade também de ficar atento e voltar meus olhos para outro universo que era o cangaço, que me seduzia, como eu disse a vocês lá trás com as histórias de minha mãe, Dona Áurea, de saudosa memória para mim de muita saudade. Ela me contava essas histórias e me marcou o espírito como o ferro de Zé Baiano, que marcou a face daquelas mulheres lá em Canindé em São Francisco.

E um outro passo importante, que você deu, ideia sua, você representando a UNEB, em organizar, com outras instituições, aquele evento em Salvador, na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, o "Centenário de Maria Bonita", realizado entre de 8 e 10 de março de 2010. Evento que contou com a nata dos pesquisadores relativos ao tema.

Nesse evento, a UNEB foi a principal realizadora. Convidei Antônio Amaury, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (UFRJ/UERJ), Germana Gonçalves de Araújo (UFS), Oleone Coelho Fontes, Carlos Tadeu Botelho (UESB), o poeta cearense Arievaldo Viana, a neta de Lampião, Vera Ferreira, dentre outras pessoas. Os grandes nomes do cangaço vieram para Salvador e os debates foram extraordinários, debates com grande

afluência de público. O resultado foi fantástico. Durante o evento, começou a surgir uma ideia logo nas primeiras conversas com Vera Ferreira. Eu disse assim: “E aí Vera, você é neta de Lampião”. Ela olhou para mim muito séria e disse: “Sou neta de Lampião e Maria”. Ela sempre frisava que era neta de Lampião e Maria. Fui percebendo que havia mesmo entre nós, pesquisadores e estudiosos, uma visão machista que colocava a mulher sempre em segundo plano: Maria era de Lampião, mas Lampião não era de Maria; Dadá era de Corisco, mas Corisco não era de Dadá; Zé Sereno era de Sila, mas Sila não era de Zé Sereno, e por aí vai... O reverso não existia.

Em uma das mesas redondas, uma estudante do Mestrado em História Regional e Local da UNEB/Campus V, hoje professora da UNEB, Carol Lima, que assistia uma das palestras, levantou a mão para falar. Fez uma boa intervenção no momento do debate. Fez elogio aos membros da mesa redonda, ponderou que Antônio Amaury estava para o cangaço como José Calasans estava para Canudos. Ela disse que estava ali há 40 minutos ouvindo grandes estudiosos, mas o debate era sobre a mulher no cangaço, e eles falaram apenas sobre Lampião, não tiveram nem a delicadeza de falar sobre Maria Bonita.

Nesta hora, percebi que tem uma porta de entrada no cangaço que ainda estava semiaberta e era preciso escancarar o que era isso, a participação da mulher no cangaço: Como realmente ela ocorreu? De que forma isso aconteceu? Que tipo de pessoas eram aquelas meninas? Porque eram meninas, como vocês são meninas, são jovens, muitas delas ainda na fase de 14, 15 anos, o que naquela época não era extraordinário, porque muitas delas casavam com essa idade. Dadá, por exemplo, quando foi arrastada para o cangaço, ainda brincava de boneca, uma criança que tinha seus afazeres domésticos, obrigações com os irmãos, cuidar dos irmãos, que reproduziam aquele comportamento do patriarcado em que as meninas tinham que seguir as mães de geração em geração no fogão, na cozinha, no terreiro e na cama do marido para produzir filhos. Comecei a pensar de que maneira abordar esse tema: escrever um livro, produzir uma outra coisa, uma ficção enfim, que instrumento utilizar. Sabia, no entanto, que tinha que estudar mais porque, o que eu sabia até ali era insatisfatório, ainda para me aventurar num trabalho desse. Então, a minha primeira tarefa foi estudar, pesquisar, ler as biografias, ler os clássicos e os livros mais recentes. Em seguida, pesquisar em arquivos, coletar fontes primárias, arquivos da polícia militar, conversar com as fontes orais ainda disponíveis, pelo menos de segunda geração, porque muitas delas já estavam mortas. Então, começamos esse trabalho que, em cinema, você chama de pré-produção, a pré-produção daquilo que seria mais tarde o *Feminino cangaço*.

Nesse momento, em que você percebeu essa lacuna em relação à presença da mulher nos estudos do cangaço, como você já apontou, razão que lhe motivou a fazer o documentário *Feminino cangaço*, fale um pouco sobre o processo de produção do filme, das filmagens, a escolha dos participantes...

O processo de pré-produção, propriamente dito, começa quando a gente se sente mais seguro, não só para organizar um roteiro, depois de realizar uma boa pesquisa, mas também seguro para saber entrevistar as pessoas. Eu aprendi uma coisa com José Calazans. Calazans conheceu o Pedrão, de Canudos, sobrevivente do conflito. Calazans reunia um grupo de estudiosos, que chamava carinhosamente de "meus jaguncinhos", que era para bater papo sobre Canudos e cada um dizer o que estava fazendo. Isso era ótimo. Foi assim um estímulo extraordinário para a gente que queria estudar. Calazans ficava agoniado porque a gente ficava eu, Leônidas, Dionísio e outros: "Professor, porque o senhor não perguntou isso? Porque o senhor não perguntou aquilo? O senhor teve com Pedrão e não perguntou sobre isso, aquilo.... Um dia ele perdeu a paciência e disse: "Eu não perguntei porque eu não sabia perguntar, não sabia o que eu iria perguntar? E isso me marcou. A gente tem que saber perguntar; se não souber perguntar, não vou ter as respostas. O primeiro passo, então, foi selecionar quem a gente poderia entrevistar, fazer uma seleção de depoimentos. Como eu já tinha conhecimento razoável da bibliografia, dos autores, comecei a selecionar os nomes. Em seguida, buscar fontes audiovisuais disponíveis, buscar documentação primária. Em torno disso, fomos montando um roteiro. A partir desse material reunido, dessa pesquisa realizada, com a ideia na cabeça, mas a gente não tinha ainda a câmera na mão. Estávamos o CEEC. Tínhamos uma ideia na cabeça, como Glauber Rocha, mas não tínhamos a câmera na mão. Então, corremos atrás de uma parceria para produzir o filme. E fomos recorrer a uma colega da UNEB, coordenadora da TV UNEB, Qhele Jemima. Foi extremamente receptiva. Na TV UNEB, trabalhava Lucas Viana, historiador de formação como nós éramos, mas Lucas tinha estudado cinema, bom conhecimento de audiovisual e era editor da TV UNEB. Tinha estudado em Cuba, ido aos Estados Unidos, extremamente inteligente e talentoso. Me juntei com Lucas e fomos trabalhar o roteiro. E o roteiro era o quê? Era a história da mulher no cangaço. Tínhamos percebido na literatura e, principalmente, em fontes primárias e depoimentos, que as mulheres eram tidas como abstrações, seres soltos no mundo, como se não tivessem famílias, se não tivessem referências, tratadas vulgarmente nos jornais como pessoas promíscuas, prostitutas, libidinosas, assassinas e ladras. Ora, ninguém nasce com esses "predicados", as pessoas nascem como todos nascem, e elas nasceram no sertão em famílias quase sempre muito religiosas, pautadas em princípios morais rígidos, regime patriarcal extremamente severo que as condenavam a uma vida absolutamente previsível e monótona por gerações. Ora, tendo isso em conta e tendo como princípio humanizá-las, torná-las pessoas humanas, ainda que cangaceiras, ainda que conceitualmente criminosas pelo estado, elas eram pessoas.... Então, vamos descobrir essas pessoas. Era isso que a gente queria, transformar essas mulheres em seres humanos que erram e que acertam, que fazem escolhas às vezes que dão certo, às vezes fazem escolhas que são erradas, mulheres sofridas que foram extremamente penalizadas.

Fase de produção do documentário *Feminino cangaço*. Nesse processo de filmagem, foi quanto tempo de produção, cidades percorridas, quando começaram e finalizaram o filme?

Foi muito longo, porque a gente tinha poucos recursos. Os recursos vieram, basicamente, da UNEB. O filme foi financiado pela Pró-Reitoria de Graduação da UNEB, com o apoio do Prof. José Bites de Carvalho, no final de sua gestão. Ele viria a ser reitor, em seguida. Eu havia feito, antes, vários trabalhos com Bites no campus da UNEB, em Senhor do Bonfim, quando ele era diretor do departamento e apoiou diversos trabalhos sobre Canudos. Bites conhecia o meu trabalho sobre Canudos e o sertão. Bonfim era local de passagem do cangaço também, era tema vivo lá na comunidade. Então ele acreditou no projeto. Depois, a Profa. Adriana Marmorì, da Pró-Reitoria de Extensão da UNEB, contribuiu na finalização da produção, momento em que a equipe viajou para diversas cidades dos estados de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Bahia. Hoje, a Adriana Marmorì é reitora da UNEB. Bom deixar claro a gente não ganhou absolutamente nada, apenas diárias para pagar um hotel decente.

Foi uma produção penosa mesmo, conseguir gasolina, carro.... Os equipamentos da TV UNEB. A TV UNEB cedeu os equipamentos, algumas câmeras legais, outras nem tanto. Mas a gente trabalhava com o que tinha. Na equipe, um técnico de áudio, e Lucas Viana, que atuou na direção de fotografia e de câmera, e eu, na direção geral, com o roteiro. Então, fomos construindo.... Visitamos diversos lugares. Em Sergipe, tivemos na gruta do Angico, onde morreram Lampião, Maria Bonita e mais 9 cangaceiros. Fomos inúmeras vezes na gruta do Angico, inclusive levei uma queda que quase me leva a óbito, quando bati a cabeça em umas pedras e alguém gritou lá de trás: "Foi Lampião que lhe empurrou!". E eu disse: "O capitão sabe que estou aqui fazendo um trabalho descente, não pode fazer uma miséria dessa comigo não, foi algum soldado da volante perdido por aí...".

Mas eu me recuperei. A gente fez a viagem e tivemos uma honra muito legal que foi entrevistar Dona Expedita, a filha de Lampião e Maria Bonita, que é uma pessoa adorável, bem-humorada, engraçada, dizem que puxou a mãe. Dizem que a mãe era uma moleca. Na verdade, Maria era uma "molequinha", que gostava de brincar, botar apelido nos cangaceiros. Maria era uma menina. Maria entrou no cangaço com 19 anos. Morreu com 27. Uma pessoa que morre com 27 anos morre muito jovem. E ela não só. Devo dizer a vocês que o cangaço era um movimento de jovens: eles todos, homens e mulheres, eram muito novos e morreram muito novos, e os poucos que sobreviveram, sobreviveram até os 60, 70 anos. Lampião morreu com 40 anos; os irmãos dele também morreram cedo.

E o contato com Dona Expedita.

Então, entrevistei Dona Expedita. O que eu vou ouvir gente? Vou ouvir coisas que eu não tinha ouvido na literatura, nas fontes primárias; a importância dessas fontes orais é extraordinária. Dona Expedita me disse primeiro que a vida dela foi difícil. Foi criada por um vaqueiro, Manoel Severo, que o pai e a mãe deram, um homem pobre, obscuro. Essa era a intenção de Lampião e Maria Bonita mesmo, porque era filha de Lampião e Maria. Então, imaginem qual era o peso disso. Então, criança, foi entregue a esse vaqueiro, que cuidou dela até a morte de Lampião e Maria.

Perguntei: "Dona Expedita, a senhora chegou a ver seus pais?". Ela disse que os viram duas vezes, que era pequena, que o pai tinha sido carinhoso, brincou, colocou no colo. E que Maria ficou parada, não se aproximou dela, ficou distante: "Eu era muito menina não tinha noção disso", frisou. Dona Expedita mencionou que Lampião era alto, bem moreno, caboclo, e Maria já tinha a pele mais clara, era baixinha, bonita de corpo, como sempre dizem, embora Maria não tenha sido a mulher mais bonita do cangaço.... Dizem que a mais bonita foi Lídia, mulher de Zé Baiano, que morreu, inclusive, assassinada. Dizem que era lindíssima, mas isso também é absoluto fuxico e fofoca. Tem um escritor sergipano, Alcindo Alves Costa, que disse que uma das questões que levaram o cangaço a ruína foi o fuxico, porque o fuxico causou mortes. Estou escrevendo até um artigo sobre isso, fazendo uma análise mais sociológica do que é o fuxico e dos males que ele causou no ambiente do cangaço, inclusive com assassinato de pessoas.

D. Expedita disse que foi viver com a família, e foi o irmão de Lampião, o mais novo, que não entrou no cangaço, João Ferreira, que a criou. Ela casou. Mas cresceu sempre com esse estigma se escondendo, não dizia a ninguém que era filha e nem parente de Lampião e Maria, isso era segredo guardado a sete chaves. Vera Ferreira, neta de Lampião, já tinha me dito a mesma coisa que, já menina, indo para escola ela e os irmãos, que são quatro, todos escondiam a origem. E isso aconteceu com outros filhos de cangaceiros, que tiveram que esconder sua origem, porque eram violentamente discriminados no ambiente social externo fora de casa e mesmo nas ruas onde moravam e locais onde viviam.

Então Dona Expedita me disse, que ela conservou essa vergonha até a fase adulta, quando um dia, procurada por uma pesquisadora, se sentiu encorajada a contar a sua história.... É aí que vem o papel da mulher novamente, olha como a mulher é importante nisso, uma pesquisadora chamada Maria Cristina da Mata Machado, que escreveu um livro, que é difícil de vocês encontrarem, mas é uma obra extraordinária, eu tenho até aqui para mostrar, só um minuto... [*fui buscar e mostrou o livro*].

"As táticas de guerras dos cangaceiros", realmente uma obra importante na historiografia do cangaço.

Esse é o livro clássico, difícil de encontrar, porque não tem muitas edições. Encontrei um exemplar em um sebo de São Paulo. Maria Cristina teve um papel fundamental. Maria Cristina era paulista, estudava Sociologia na USP e se interessou, Deus sabe lá como e porque, pelo cangaço. Uma paulistana da Avenida Paulista, da alta elite da sociedade paulista. Maria Cristina, na sua dissertação de mestrado, escolhe o cangaço como tema e escolhe o quê: *As táticas de guerra dos cangaceiros*. E a percepção dela é diferente, porque ela começa a dar indicativos de que a forma de lutar dos cangaceiros não era simplesmente uma tática ou uma estratégia de luta, era uma manifestação cultural e ia muito além disso. Estão percebendo o que estou dizendo? Ela quebra com aquele paradigma de que lutar é lutar. Ela enxerga um cenário, enxerga a vestimenta, enxerga a forma de se movimentar.... Os cangaceiros se movimentavam muito e ela vai enxergar a mulher, ela vai enxergar como? Que papel as mulheres teriam nesse processo? E ela as retira da inércia, do esconderijo. Ela chega a afirmar que se Corisco foi um guerreiro, Dadá foi sua bússola, nada mais justo que isso. Nesse conjunto de observações, é que a gente foi construindo ou afirmando a ideia do feminino no cangaço.

O ingresso das mulheres no cangaço. O documentário aborda este assunto, forma do ingresso, algumas que entraram para ter acesso a determinadas vaidades, como a liberdade de usar batom e perfumes, normalmente impedida por pais e maridos, e outras que entraram também por paixão, como é o caso de Maria Bonita. Relate um pouco sobre esse assunto.

Essa também foi uma questão que nos mobilizou durante o período em que estávamos trabalhando na produção do filme. Porque essas mulheres foram para o cangaço? Quando elas adentram ao cangaço, mulheres já existiam no cangaço, antes de 1930, que é quando Maria Bonita entra no cangaço, que foi um ato de ousadia de Lampião. Lampião quebra uma regra que era tradicionalíssima no cangaço: mulher não podia ficar no cangaço, permanentemente. Claro que os cangaceiros se relacionavam, com namoradas, prostitutas, eles tinham essas relações, mas as mulheres não ficavam no cangaço. Antes disso, alguns cangaceiros tiveram mulheres, talvez o mais notório tenha sido Jesuíno Brilhante, que foi um cangaceiro anterior a Lampião, e anterior, até mesmo, a Antônio Silvino, que era um pouco antes de Lampião. Alguns dos outros cangaceiros que figuravam e andavam no semiárido tiveram mulheres, mas não as levaram para o grupo. E Lampião, final de 1929 e início de 1930, quando ele já tinha atravessado para a Bahia, ele atravessou em 28 de agosto de 1928, em 1930, embora passasse sempre perto de onde morava Maria Bonita, ali perto de Paulo Afonso, hoje Santa Brígida, ele nunca parava por ali.

Até que um dia ele para e, coincidentemente, conhece Maria, que vivia um casamento estável com o primo Zé de Neném, sapateiro. Ela, de vez quando, brigava com o

marido e ia para casa dos pais. Em uma dessas idas, conhece Lampião, e Lampião, de imediato, interessa-se por ela. E ele até dá uma "cantada muito sofisticada". Dizem que ele era um bruto, mas os brutos também amam... E teria dito o seguinte: "Eu tenho uns lenços aqui, você aceitaria bordá-los para mim?" Claro que não nessa linguagem, mas ele disse isso.... Ela aceitou. Ele se atrasa, mas volta para pegar. A intimidade vai crescendo e veio o namoro. Esse é o ingresso de Maria, que é o ingresso em que há uma adesão da escolhida para acompanhar o cangaço mais famoso, o rei do cangaço, um homem muito procurado, muito perseguido que não podia nem a visitar constantemente, que era vigiado ao extremo. O professor aposentado da UESB, Carlos Tadeu Botelho diz, inclusive, no filme *Feminino cangaço*, que, se alguém foi raptado, no caso de Lampião e Maria, foi Maria que raptou Lampião. Maria entrou no cangaço, e isso muita gente não diz, acompanhada de Mariquinha, que era cunhada dela, irmã de Zé de Neném, que largou também o marido e seguiu com Maria, e lá se juntou com Labareda, cangaço muito famoso, subchefe de bando.

E as outras mulheres? Frederico Pernambucano de Melo, que tem um livro muito interessante chamado *Guerreiros do sol*, apresenta uma abordagem muito interessante sobre o cangaço, ele foge daquela descrição positivista, factualista, pouco interpretativa, que, inclusive, dificulta a compreensão do que é o fenômeno do cangaço, do que foi o processo histórico de construção e de abolição do cangaço no Nordeste. Frederico Pernambucano de Melo diz que as mulheres que entravam para o cangaço não eram pobres, eram remediadas, filhas de pequenos agricultores, pequenos produtores, ocupantes de terra. Na verdade, pessoas remediadas, mas remediadas não significa fora da pobreza, porque, por exemplo, quando a seca apertava todos ficamos iguais, só quem ficava diferente era o grande proprietário, o latifundiário, as autoridades, a elite camponesa, as elites do campo... Então essas mulheres, remediadas, viviam no interior, em pequenas propriedades, cumprindo a sua rotina no núcleo familiar regido pelo patriarcado, pela ascensão e autoridade absoluta do chefe da família, cujo o destino já estava traçado, era crescer ajudando a mãe, ajudando na roça, cuidando dos afazeres da casa e casar com alguém determinado, ali no seu convívio social, com um primo ou parente, quando não sofreu abuso de um filho de grande proprietário de terra e acabou, como sempre, por força das tradições culturais e sociais, em prostíbulos, sendo consideradas mulheres perdidas, porque perderam a virgindade. Muitos foram os casos, inúmeros e impunes, e esse vai ser também o motivo para o ingresso de muitos rapazes no cangaço, vingar as suas famílias que foram trajadas pela violência contra uma irmã, contra uma mãe, contra uma prima. Essas mulheres viviam nesse universo social e os cangaceiros passavam ali, tinham toda uma fama e toda uma aura de prosperidade, vestiam de forma diferente, vivam de forma diferente, eram grupos autônomos, não viviam sob a tutela de nenhum grande latifundiário, embora mantivessem relações comerciais e de troca de serviço com eles. Não tinham parada certa: o cangaço se caracterizava pela perambulância, ou seja, pelo andar constante.

Você falou um pouco de como as mulheres eram vistas de forma pejorativa na sociedade. Mas dentro do cangaço, como que a imagem feminina era representada ali, como os cangaceiros viam essa presença feminina e como tratavam essas mulheres?

Ótima pergunta! Quando elas ingressam no bando, não tem jeito, a presença de Maria, que é a rainha, exige maior respeito, maior postura. Daqui a pouco, Corisco traz Dadá. E aí eles vão ter que se adaptar e se acostumar com a presença da mulher dentro dos bandos. Isso exigia maior descrição, tinham que cuidar para não se expor fisicamente nem expor as mulheres, tinham que respeitá-las, era fundamental. Mas eles, eram quem? Eram camponeses, criados sob a égide do patriarcalismo, eram machões, tinham a mulher como o quê? Um ente subalterno que existia para servi-los. Qual é a diferença que vai se estabelecer no cangaço? Como eles eram grupos de guerreiros, eram autônomos, produziam a sua própria subsistência não só de comprar, saquear os próprios alimentos, como também de cozinhar, de prepará-los para o consumo. Então elas eram cozinheiras, costureiras.... Eram lavadoras de pratos e eram guerreiros.

Tem uma frase de Sila, que dizia que ela não era boa dona de casa, ela foi uma excelente dona de mato, que vivia na caatinga e não tinha obrigações. E todos aqueles cangaceiros tinham um orgulho muito grande de expor as suas mulheres bem vestidas, ornadas de joias, mais bonitas do que a do companheiro para que eles se orgulhassem delas. Eram objetos, coisificavam as mulheres? Certamente que sim. Mas havia uma relação também de poder, como nada é absoluto, sempre quando a gente arrisca em generalizar, a gente quebra a cara. Vamos ter o exemplo de Corisco, que teve o primeiro contato com Dadá de forma violenta. Ele a sequestrou. Dizem até que foi um rapto consentido, pois Corisco andava assediando o pai de Dadá, e ele teve que ceder, porque Corisco estava ameaçando ele, desconfiado de que ele estava passando informações as volantes, tanto que os familiares de Dadá chegaram a serem torturados. Dizem que Dadá foi com o consentimento do pai, porque não tinha alternativa. Vou até mais além: as histórias dizem que Dadá participou disso, que ela era noiva de um rapaz, e Corisco matou o rapaz, isso está em *Zé Bezerra: Lampião, a raposa das caatingas*, um livro clássico com 700 páginas. Mas, o mesmo Corisco que praticou essa violência, é o mesmo que vai ensinar Dadá a ler.

Você também dirigiu o filme *Assim era Dadá: a vida pós cangaço de Sérgio Chagas da Silva*. A ideia para fazer esse filme sobre Dadá partiu de o *Feminino cangaço*?

Foi no *Feminino cangaço* que nasceu. No *Feminino cangaço*, fui descobrindo uma outra Dadá. Dadá para mim, e eu tenho repetido isso, digo que o final do cangaço não se dá exclusivamente com a morte de Lampião, em 1938, dele, Maria e os 9 cangaceiros em Angico, vai se dar, efetivamente, em 25 de maio de 1940, em Barra dos Mendes na Bahia, quando Corisco é assassinado e Dadá é aprisionada. Eu digo que Corisco e

Dada são os únicos cangaceiros que não se entregaram, mesmo os grandes subchefes como Zé Sereno, Labareda, Criança, todos eles, com suas mulheres, se entregaram a polícia. Tinha a promessa de anistia, do Presidente da República de perdôá-los. Cumpriram pena alguns deles, inclusive as mulheres cumpriram pena. Dadá também.

Dadá teve um papel fundamental quando Corisco pensou em se entregar. Lampião morreu e a morte de Lampião não foi a morte do comandante, foi a morte de um mito e toda a mística que havia em torno dele. Lampião era tido como invulnerável, protegido pelas ervas, orações, pelos escapulários que carregava. Um conceito da religiosidade, inclusive popular, que era aquela religiosidade que vem do catolicismo erudito, mas que é amalgamado, misturado com religião negra e com religião dos índios, e isso formaria um caldeirão de crenças e de ritos que são extremamente ricos e interessantes. Então, a morte de Lampião quebra esse negócio e vira uma vala funda. Os cangaceiros se desesperam, se o Capitão morreu, eles iriam morrer. Então, começam rapidamente a se entregar. Mas o que Dadá faz? Dadá diz o seguinte: "Olha Corisco, se você se entregar nós vamos morrer. E outra coisa: se você quer se entregar, porque você não veste logo as minhas saias? Vista as minhas saias e vá se entregar". Ela que tem um papel fundamental nisso. Oleone Coelho Fontes disse a Dadá que ela seria a culpada pela morte de Corisco. E Dadá disse a ele: "Me respeite seu cabra safado!". Porque Dadá não levava desaforo. Para ter ideia de quem era Dadá, ela estava participando de um seminário em Feira de Santana e em entrou um sujeito mancando da perna e, no meio da plateia, gritou: "Foi você que fez isso comigo". E ela de lá, na mesma hora, disse: "Você deu sorte, porque eu atirei foi para te matar". Essa era Dadá.

E quando eu estava fazendo *Feminino Cangaço*, fui descobrindo essa Dadá, essa mulher diferente, a única mulher que pegou efetivamente num fuzil para lutar. Foi a única mulher que dirigiu um bando. E outra coisa, Corisco se feriu no braço, ficou inutilizado, teve uma ameaça de gangrena muito grande. E foi Dadá que o salvou, com o uso de ervas. Tem um médico que escreveu um livro, *Lampião: a medicina e o cangaço*, de Leandro Cardoso Fernandes, e ele disse que o uso das ervas curativas e os procedimentos adotados por Dadá pareciam de uma pessoa que tinha curado muita gente, que ela conhecia a tradição popular do uso das ervas disponíveis para curar Corisco. Ele ficou inutilizado, porque o osso foi atingido e não podia mais movimentar nem se quer aguentava carregar um fuzil. E quem assume o bando? Dadá. Dadá era uma figura extraordinária. Digo que Dadá foi a grande protagonista do cangaço, no final, no período terminal dele. Não foi nenhum homem. Foi uma mulher que se chamava Sérgia da Silva Gomes a Dadá, a que está enterrada ali no convento do Carmo em Salvador, perto do largo do Santo Antônio, está a sepultura dela. Estive lá. Fotografei, filmei.

Dadá, segundo os parentes dela, quando falava em Lampião, chorava e, de Corisco, ela nunca escondeu a paixão que teve a vida toda por ele, mesmo que tenha casado depois com um sujeito chamado Bartolomeu, um pintor de paredes, e que viveu com ele até ele morrer. Mas dizia, na frente dele, que Corisco era a grande paixão da vida dela. Ela nunca escondeu. E ela guardou para ela, aquilo que tinha dividido com outros

na época do cangaço, o segredo do cangaço, que era para ela um compromisso, em guardar sua militância do cangaço.

Embora a gente tenha Dadá como essa figura ilustre, algumas pessoas ainda associam a presença feminina no cangaço como um dos principais motivos para o fim do movimento que, de certa forma, as mulheres enfraqueciam o bando. A mulher de fato contribuiu para o fim do movimento ou você acha que é só mais uma das facetas do machismo?

É uma análise curta porque quando o cangaço chega ao seu fim, já é quase a década de 1940, e a conjuntura política e econômica do país tinha mudado, o país era outro. Estávamos já na ditadura Vargas, com o Estado Novo, e se instaurou uma concepção de país desenvolvimentista, civilizado, era isso que o governo de Vargas e Estado Novo almejavam. O cangaço era a negação de tudo isso, era a barbárie, a selvageria, o primitivismo e precisava ser enxertado. De outra forma também, do ponto de vista político, o Estado Novo centralizou o governo e esvaziou um pouco as autoridades regionais, locais, paroquiais, esvaziando o poder, se não rompeu completamente esvaziou e eles, aqueles que eram coiteiros de Lampião, que protegiam, Lampião, se viram pouco desamparados também e começaram a perceber que a coisa estava mudando.

Havia uma ideia de estratégia militar e mística entre os cangaceiros. Alguns defendiam que, com a entrada das mulheres no cangaço, as coisas ficaram muito mais difíceis, porque as mulheres não tinham o mesmo vigor físico, não andavam no mesmo ritmo e, em alguns momentos, tinham incômodos próprios do sexo, às vezes, tinham também que dar à luz e parir nem sempre em locais adequados, improvisados no meio do mato, tendo que os companheiros e companheiras servirem de parteiras, e nem sempre esses partos eram calmos, nem sempre pacíficos, tinham intercorrências, hemorragias, e eles achavam que isso tudo atrasava o grupo e facilitava a perseguição das volantes. Por outro lado, eles diziam que a presença da mulher vulnerabilizava o homem, porque a mulher deixaria o homem tão vulnerável que ele parecia uma melancia todo furadinho e em que circunstância isso ocorria? Porque os cangaceiros carregavam aqueles apetrechos religiosos, suas orações, suas correntes, suas medalhas, e eles não podiam ter relações sexuais enquanto carregavam aquilo, tinham que tirar tudo aquilo para ter relações sexuais, porque o contato com o sexo feminino quebrava o encanto, quebrava o poder daqueles objetos religiosos que eles portavam e, depois disso, tinham que colocar os objetos de volta e demorava um tempo para voltar a vigorar a imunidade que aquilo proporcionava. E isso levou muitos a ter ideia de que os cangaceiros, depois da presença feminina, ficaram meio acovardados, meio acomodados, não queriam brigar mais como antes, se pudessem evitar, evitavam, viviam descansando nos coitos, ou seja, a vida mudou para eles, como mudou o país.

Não foram só as mulheres que mudaram o cangaço, os cangaceiros que mudaram, o país que mudou, não era o país de 1930 mais. Os meios de comunicação estavam mais ágeis, as estradas estavam surgindo, as estradas de ferro, os equipamentos bélicos e tecnológicos, os correios, o telégrafo, os binóculos, os carros, tudo isso mudava a relação com o mundo exterior. E era inevitável, um processo histórico. Não era possível continuar vivendo absolutamente fiel aos anos de 1930, no passado, como se nada tivesse acontecido. Aquela tolerância iria acabar, porque as classes dominantes e a elite latifundiária sustentavam eles, através de mantimentos e armas. Eram aliados aos quais não se podia confiar, porque eram aliados historicamente do Estado, e quando seus interesses sobrepusessem aos interesses pontuais com Lampião e os demais cangaceiros, eles iriam abandoná-los, como abandonaram e sobreviveram todos, entendeu? Mesmo as altas autoridades militares, eu não sei se vocês sabem disso, mas João Bezerra, que fez o cerco do Angicos, era parceiro de Lampião, jogava baralho com Lampião, inclusive dizem que vendia armas para Lampião, não só ele, mas muitos policiais.

Lampião era um homem muito esperto, muito ágil, mas não teve a percepção dessa conjuntura, dizem que ele, já em Angicos, reuniu as pessoas para comunicar seu afastamento e ida para outro Estado, para viver sua vida com Maria. Maria já dava sinal de cansaço, com problema de saúde. Lampião também aos 40 anos, tinha dificuldade de locomoção, não tinha a mesma resistência. Maria teria ido, cerca de dois dias antes, fazer uma consulta em Propriá (SE), dizem que estava com suspeita de tuberculose. Isso nunca se confirmou. Mas ela foi até lá, inclusive desfilou por lá disfarçada. Essa passagem em Propriá, propiciou a última briga dela com Lampião, os últimos desentendimentos, pois ela cortou o cabelo curtinho e isso era uma afronta para homem do sertão, para Lampião, por exemplo, que gostava dos cabelos compridos, porque era inclusive uma convicção mística, religiosa, bíblica, está lá, nos Coríntios, a louvação aos cabelos compridos das mulheres. E, então, Maria cortou o cabelo numa moda que era muito vigente nos centros urbanos brasileiros chamada *la garçonne*, cortar o cabelo curtinho como se fosse um homem, um menino, um rapaz. E Lampião, me perdoe a expressão, ficou muito puto quando viu Maria com aquele corte de cabelo.

Mas o fato é que as mulheres não foram diretamente responsáveis por nada, no que diz respeito ao fim do cangaço. Elas sofreram os mesmos sabores, os mesmos riscos e foram mortas. Muitas delas morreram no processo do cangaço, como Enedina e Neném, de Luís Pedro, e tantas outras mulheres... Os cangaceiros viviam dos saques, dos furtos: ora, não eram pessoas absolutamente maldosas nem absolutamente boas. Essa posição maniqueísta do bem e do mal nos atrapalha a enxergar o aspecto humano das pessoas e, quando você desumaniza as pessoas, elas podem ser qualquer coisa, um bicho, uma fera, um animal violento e não era assim. Lampião tinha uma relação de amizade, era um homem muito fiel aos seus amigos. Agora o cangaço, a gente tem que entender que ele dominava pelo terror, se ele, Lampião, permitisse que alguém o traísse e depois deixasse impune, estava correndo o risco de outras traições, não que isso justifique a crueldade, a matança, o assassinato, os estupros, isso é crime, e eu

nem discuto isso; quando alguém vem me perguntar se Lampião era bandido, logo eu não vou discutir, e afirmo que óbvio que ele era.

Na sua opinião, porque o tema do cangaço é tão importante para a história social, porque ele atrai ainda tanto interesse?

Porque o cangaço interessa tanto? Porque o cangaço é um tema social, faz parte da realidade brasileira, compõe a realidade brasileira, integra a sociedade brasileira. É um tema muito mais ligado à história popular. Trabalhar com a história social é trabalhar com a recuperação não só da memória popular, mas também denunciar a violência histórica das classes dominantes, do Estado, o Estado brasileiro contra o nosso povo. E não é só o cangaço. Existem outros temas como a Revolta do Quebra-Quilos, o Beato José Lourenço e o Caldeirão, Pau de Colher, que são manifestações populares contra a opressão e fazem parte da nossa história social. Havia uma história que perdurou por muito tempo, que foi predominante durante muito tempo, que não se voltava para esses aspectos, pois preferia, ideológica e filosoficamente, contar a história dos dominantes, colocando a história popular em segundo plano. Quem quer contar a história verdadeira do Brasil, tem que utilizar essa ferramenta extraordinária que é a história social, recuperar essa historicidade e denunciá-la para população, levá-la para o conhecimento da população.

O documentário *Feminino cangaço* está com 1.216.688 visualizações, no canal do YouTube do CEEC/UNEB. Como o audiovisual é importante para a difusão do conhecimento histórico, o seu alcance parece ser maior...

É extraordinário. É muito legal, tem um grande alcance, o audiovisual. Eu não acredito muito naquelas assertivas que dizem que uma imagem vale mais que mil palavras. Nem sempre! Vamos devagar com o andor, porque o santo é de barro. Às vezes, sim, ajuda, a ilustra, é um instrumento, um documento que foi importante para a historiografia absorver como fonte. Isso, sem dúvidas, mas nem sempre, nem sempre vale mais do que mil palavras. Mas o audiovisual, ele tem um alcance extraordinário. Lembro de uma senhora que me procurou no final da exibição do *Feminino cangaço*, que lotou a sala Walter da Silveira, em Salvador. Teve que parar porque não tinha como entrar mais gente. E, em todos os lugares que a gente exibiu, foi sempre com lotação cheia. Bom, essa senhora, me procurou e disse: "Meu filho, eu quero lhe dá um abraço. Eu sempre tive muita informação sobre o cangaço. Mas eu nunca sabia que as mulheres foram tão importantes. Eu não sabia meu filho. Você hoje me deu esse presente". E eu respondi que não, quem nos deu esse presente foram elas, elas é que foram as grandes responsáveis por esse filme. Cumprimos o nosso papel de realizador e de historiador também, porque o filme é fruto de uma pesquisa histórica. Então, essa trajetória dos filmes é uma trajetória que alcança milhares de pessoas, milhares, gente que nunca tinha ouvido falar de cangaço, e aí se seduz pela história e vai conhecer mais a história sobre o cangaceiro, a cultura sertaneja, a história do Brasil, tal como ela foi realmente.

Lampião é uma figura muito importante para a história brasileira, principalmente na cultura nordestina. Ele é bem representado no Nordeste, na cultura popular. Tem uma velha discussão a respeito dele, uma memória que afirma que ele foi herói, outra que diz que foi um bandido. Onde você situa Lampião? Herói ou bandido?

Olha, depende do ponto de vista de cada um. Como historiador, Lampião é meu objeto de estudo, Lampião e o cangaço. Não posso me deixar seduzir por essas duas alternativas. Lampião é um homem do seu tempo, com suas contradições e suas escolhas. Não é herói. Ele foi bandido. Lampião roubou, matou... Isso a própria Vera Ferreira disse: "Meu avô foi um bandido!". Ela ouviu lá em Canudos, em um debate, uma velhinha que estava lá no fundo da plateia, eu e Vera na mesa, o auditório lotado de gente, porque queriam ver a neta de Lampião, imagina a curiosidade... Verinha sentada e chega uma mulher assim, bota o dedo na cara dela e diz: "Seu avô era um descarado, ladrão, safado, quem prestava era Antônio Conselheiro, entendeu? Esse era um homem bom". Tomei um susto. Vera bateu no meu braço e disse; "Calma, calma... [ela não discutia] Meu avô era ladrão. Meu avô roubou. Não tem nenhuma mentira nisso". Mas, por outro lado, como é que a gente classifica os grandes proprietários de terra, que encomendavam assassinatos, que furtavam terras, que exoneravam as pessoas dos seus bens, que insultavam moralmente as famílias, esses eram o quê? Homens de bem para determinado olhar, mas, na verdade, eram bandidos. Duas pessoas que furtam 10 kg de charque aqui em Salvador, são entregues, por seguranças de um supermercado, ao tráfico, para serem julgados e fuzilados...⁵ Mas um sujeito no comando do país, que é um dos responsáveis por um genocídio de 600 e tantas mil mortes por COVID-19, esse homem é o quê?

Do ponto de vista de cada um, discuto Lampião, o sujeito que viveu em sua época e que fez suas escolhas. Bandido sim, mas nem só bandido. Ele era um ser humano que tinha também qualidades. Era um bom amigo, uma pessoa solidária com seus companheiros, nem sempre cometeu injustiças e violências. Ouvei de uma mulher lá em Canudos que Lampião acordou, na caatinga, um casal em noite de núpcias. Os dois acordaram assustados. Lampião teria dito: "Boa noite, desculpe incomodar, é que nós estamos com fome, eu e a cabroeira toda aqui, com fome, a gente queria comer alguma coisa. Tem alguma coisa de comer?" Ela disse que tinha galinhas no terreiro. E preparou aquela galinha caipira, de terreiro, e quem é do sertão sabe que é a maravilha das maravilhas, uma coisa espetacular. Então, a mulher preparou essa galinha e Lampião chamou a cabroeira. Comeram. Ele pagou e se retirou, respeitosamente. Foi um cavalheiro. Como tem tantos e outros episódios em que ele foi grosseiro, violento, que estava descontrolado, embora dissessem que Lampião era um homem frio, calculista... Lampião não costumava deixar prisioneiros. Ele terminava

⁵ Esse caso aconteceu em Salvador, em 26 de abril de 2021, em uma unidade do supermercado Atakarejo. Teve repercussão nacional.

a batalha e ia lá constatar quem estava vivo e executava, não tinha dúvidas. Não perdoava traição, porque era uma forma de sobreviver, era um pré-requisito para sobreviver. Cometeu crimes hediondos, cometeu, mas pagou com a vida. Os cangaceiros foram condenados, cumpriram penas e jamais voltaram a delinquir, jamais voltaram ao crime, alguns se tornaram, inclusive, funcionários públicos. Dadá foi presa. Ficou ali no Forte de Santo Antônio presa. Cumpriu pena. Foi solta pelo *habeas corpus* encaminhado pelo major Cosme de Farias. Cosme de Farias é quem soltou Dadá e se tornaram amigos de uma vida toda. Então, esse ponto de vista de que ele era um bandido não é uma mentira, mas também é uma meia verdade, porque não esclarece qual é o papel histórico do sujeito.